



Director literario:

*Atypodes*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:

*Juan Collado*  
PAPUSSE

## O SONHO

Por ERMELINDA MARTINS PEREIRA: Desenhos de EDUARDO MALTA :

amparo da sua velhice e da infância de «Zé Pequeno».

Já não era o garotinho que, logo de manhã cedo se dirigia para a floresta a apanhar a lenha caída, derrubada pela ventania dum inverno rigoroso, para à noite aquecer os seus pés trôpegos pelo frio, assim como os de sua avó, no calor confortável da pobre lareira.

Depois do caldo que fumegava muito quentinho, acompanhado do seu bocadinho de pão centeio, untado de toucinho, dádiva da boa gente d'aldeia, que, geralmente dotada de bom coração, se condoia com a miséria do pequeno lar.

Não; «Zé Pequeno» era agora um outro: era um menino educado, era muito rico, era um pequenino senhor.

Um dia andando êle na floresta, numa manhã de inverno muito fria, mais fria que todas as outras manhãs, no desempenho da sua faina, sentiu que as forças lhe faltavam e que os seus pézinhos ensangüentados pelos pedregulhos, do caminho quási diariamente percorrido e dormentes pelo frio, não poderiam agüentar a longa caminhada, que ainda tinha de emprender, para chegar à cabanazinha onde a sua avó o esperava, sempre ansiosa pela sua vinda.

Para descansar da fadiga que dêle se tinha apoderado, sentiu-se junto duma velha árvore, cujo tron-

co, carcomido pela acção do tempo, mostrava bem os longos anos que por ela já tinham passado.

Começou a nevar; os pequeninos flocos brancos iam cobrindo o seu fato estarrapado.



«Zé Pequeno» tentava sacudir, afastar de sobre o seu corpinho miúdo, aquele manto tão alvo, tão lindo, mas tão frio que o fazia tiritar; mas não podia.

Estava como que pregado ao solo, sem poder fazer qualquer movimento.

(Continua na página 4)

# A coragem do Toneca

Por MORENITA

Desenhos da Autora

(Continuação do número anterior)

— Onde foste buscar este lenço? perguntou a mãe, examinando-o. Este lenço... um G, este lenço era de teu Pai, com certeza, o G quer dizer Guilherme.

— Espera mamã, comamos primeiro. Ai que sede, eu já volto, (murmurou e, dirigindo-se a casa, em vez de entrar, contornou-a e foi buscar o pai que de lágrimas nos olhos o acompanhou).

— Sente-se ali, no seu lugar, — disse-lhe Toneca, baixinho.

Guilherme, enlevado, obedeceu e sentou-se ao mesmo tempo que António retomava o seu lugar. Imagine-se a alegria da pobre senhora que por momentos ficou pregada à cadeira. Momentos depois, estavam todos nos braços uns dos outros.

Toca a comer, disse António, tenho muita fome, depois falaremos. Ambos lhe obedeceram. Agora já podemos falar.

Guilherme, contou, então, que sempre tinha tido notícias boas dela, escritas pelo Toneca que já

não encontraram ninguém. Como não estavam, marcharam no mesmo dia para o Porto e aí souberam da catástrofe, tendo sido então informado

— Imagina a minha aflição. Marchei logo, tanto mais que te tinha já mandado dizer que me escrevesse tu, mas teimavas em fazer escrever o Toneca.

Por sua vez a Viscondessa contou a seu marido o que lhe tinha sucedido e Toneca apresentou ao Pai a carta que sua mãe recebera havia pouco.

— Então eles faziam com que as tuas cartas me não chegassem à mão? Não era, então, o Toneca quem escrevia? Bem, e a Flora? Onde está?!

— Ignoro-o.

— Vivem na pobreza, vocês?

Mãe e filho pegaram-lhe pelos braços e levaram-no a casa. Chegados ao oratório, Toneca levantou a capa da Virgem.

Bôa lembrança, (disse, rindo, Guilherme,) não pode haver melhor guarda.

Agora, papá, escute. Eu vou ter com o reme-tente da carta. Volto à noite com a mamã. Como é ela? Tem cabelos muito pretos? É assim da minha altura? Com os olhos muito pretinhos?

— Não! mas nem por isso é menos linda. Altura não sei, há muito que a não vejo. Tem cabelos dourados e olhos verdes como a esperança.

Espera, (disse o pai,) tu não sais daqui! Quem vai, sou eu.

— Nunca, papá, nunca; eu jurei à mamã que havia de livrá-la e, em paga, daria o medalhão à Virgem. O papá podia tudo mas esses maus, se se vissem perdidos, eram capazes de matar a mamã.

— Sim meu filho; mas lembra-te que se lá vais, ficarás lá também e serão dois os prisioneiros.

— Isso é comigo e se eu não voltasse então o papá iria, e eles ou matavam os dois ou... perdiam os dois.

— Bem, vai; eu espero só até à noite.

— Obrigado, tenha paciência, até de madrugada; e não apareça quando eu entrar com a Flora e mais alguém.

Pegou na tesoura, rompeu as calças e as mangas da blusa, molhou as mão em mel e lambozou a cara. Depois foi ao jardim e espojou-se no chão, despenteou-se e foi até junto do pai que não pôde deixar de rir, admirando a inteligência do filho.

— Sou o criado da Sr.<sup>a</sup> Viscondessa, ouviu! (A seguir, saltando para o pé do pai e da mãe, disse a rir:) — Um beijo, não; tenho a cara suja, sou o criado. Até logo; e, atirando um beijo com as pontas dos dedos, saiu correndo.



escrevia bem, mas que, havia um mês, recebera um telegrama da irmã dizendo que estranhava que abandonassem assim o Castelo, sem lhe participar. Chegando de Paris, foram visitar-te, e

Era já tarde quando entrou na cidade. Ali soube a verdadeira morada do homem que procurava e saiu da cidade correndo. Já anoitecia quando avistou a casa. Bateu à porta. Apareceu um homem alto, mal vestido, cara de mau e gordo.

— Que queres?

— Vocemecê, tiosinho, é que é o homem que a minha ama diz?

O homem não pôde deixar de rir; o que o fazia mais feio ainda.

— Quem é a tua ama? Quem é o homem que ela diz?

— A minha ama é a Viscondessa da Alegria, o homem que ela diz é um homem muito sério que há-de vir comigo.

— Entra.

Antônio obedeceu.

— Bem, sou eu o homem! Que é que tua ama quere?

— Vocemecê? Safa! que brutamontes! Então é vocemecê que vai comigo?! Mas ela disse que era um senhor...

— Bem; dize onde é que a tua ama quere que eu vá, senão estripo-te.

— Ai homemzinho, isso não! Se o fizesse, também não havia de apanhar o que ela lá tem para si! Olhe;— a minha senhora manda dizer que venha comigo mais a menina Flora, ou como se chama ela, e que lá lhe dará aquilo que eu vi tão lindo, em troca da menina. Eu não sei para que quere ela a menina, naturalmente é para depois a casar com o filho se fór bonita, mas o filho está muito mal, naturalmente rende-lhe pouco...

— Então, o filho está doente?

— Mais que isso, quasi morto; deu-lhe ontem uma coisa, não vê nem ouve.

— Então que te mostrou ela?

— Isso! ela disse que não dissesse, mas, é tão lindo, uma caixinha com uma pedra grande e muitas pequeninas. Ela nem ao menino a dá. Se ganhasse muito, comprava-lhe.

— Que te disse ela da menina Flora?

— Ah! Flora... é isso, é, Flora! Ela disse que era uma menina de cabelos doirados e que eu a levasse mais vocemecê.

— Espera aí. O homem saiu e daí a pouco voltou com uma menina pela mão. Sente-se, ordenou êle. Flora obedeceu. — Escute, sua mãe manda dizer que vá eu, e a menina com este rapaz lá a casa e que em troca me dará o cubiçado medalhão. A menina, arranje-se como quizer; vamos... se ela não mo der, a menina é quem paga.

Antônio pôs-se de pé. — O quê?! esta perriquita é filha da minha ama? Isso é mentira. Ela quere mas é a menina Flora! Ela, por essa, não dá a caixa, é a Flora que ela quere!

— Cala-te bruto, marcha adiante. Foram os três.

— Olha, olha, (exclamou Antônio,) tão de noite! Vá, corra, agarre a rapariga ao colo, senão a minha ama, depois, dá-me alguma sova.

— Mas êle continuava descansado.

Antônio, então, agarrou Flora e começou a correr. O homem correu atrás dêle, apanhou-o, ti-

rou-lhe Flora e ia a castiga-lo mas êle, cansado, gritou lhe: eh! páre aí; se eu não fizesse isso, vocemecê não corria! Se o menino já morreu ela há-de ter lá gente e depois dizem-lhe que não queira já a rapariga. O homem, ao ouvir isto, começou a



correr com medo que já lá estivesse alguém e que o prendessem. Corria tanto que Toneca mal conseguia alcançá-lo.

Eh! homem... olhe que nem tanto nem tão pouco! Se o menino já morreu eu é que devo ir à frente para não ficar tudo a olhar de o vêr a vocemecê tão mal arranjado.

— Há lá gente?

— Não sei. Se o menino não morreu não há; mas se êle estava mais morto do que vivo.

— Bem, nêsse caso, vai adiante, corre que eu também corro.

Devia sêr uma hora da noite. Antônio tremia. Seu pai estaria lá? Antônio bateu, ao mesmo tempo que fez sinal ao homem que esperasse afastado. A porta abriu-se e apareceu a mãe.

— Mamã, o papá que esteja no escritório, eu vou lá ter já e a mamã vá para o oratório rezar. Depois Antônio foi ter com o homem e disse-lhe: — o Toneca parece que está um pouco melhor, (diz a senhora,) aquilo é uma ilusão, mas vá, vamos lá.

— Espera; além parecia estar uma coisa a brilhar, vamos vêr o que é.

O seu fim era vêr se a casa era guardada, pois nunca se lembrara disso e tinha vindo só e desarmado. Mas sossegou ante o silêncio que reinava em volta.

— Vamos, (segredou Antônio;) a senhora disse que o levasse ao oratório; deve estar à espera.

# O SONHO

(Continuação da página 1)

Fez esforços para gritar, chamar por alguém, por algum pastor ou por algum pobre lenhador, tão pobrezinho como êle; mas da sua garganta apenas saiam sons roucos e pouco distintos.

Desanimado, «Zé Pequeno» escondeu o rosto nas suas pequeninas mãosregeladas e começou a soluçar, a soluçar tão baixinho, que se confundia com o murmúrio dum pequeno regato que ali perto tinha o seu leito.

Como estaria sua avó, já em cuidados por êle ainda não ter aparecido?!

E o frio que ela não sentiria ao apagarem-se as últimas brasas da lareira. sem ter nêsse dia um único tronco em casa, com que permitisse atear o lume para acalmar o frio dessa manhã de inverno?

E as lágrimas rolavam a quatro e quatro pelo rosto magrinho do pobre órfão.

Entregue a êstes tristes pensamentos, sentiu que alguém se aproximava, com passos tão leves, que mais pareciam o saltitar dum passarinho e lhe segredava aos ouvidos, numa voz muito dôce e suave:

— «Não chores mais, meu menino. Nunca mais terás frio nem fome; não tornarás à floresta a apanhar a lenha, nem tornarás às portas, mendigando o pão. Serás rico, muito rico!»

«Zé Pequeno» levantou a cabeça, abriu os olhos,

esfregou-os uma, duas, três vezes, como quem crê que está sonhando e ficou perplexo de olhos muito abertos pelo espanto.

Na sua frente, sorrindo meigamente e estendendo-lhe as mãos, estava uma menina muito linda; da qual irradiava tão brilhante claridade, que lhe custava a distinguir tudo que o rodeava.

«Zé Pequeno» lembrou-se dos contos de fadas que a sua avósinha lhe contava ao serão e pela sua pequenina mente perpassava a recordação de outras histórias em que os meninos pobrezinhos eram protegidos pelas fadas boas e lindas, como aquela que se encontrava na sua frente, chamando-o para si.

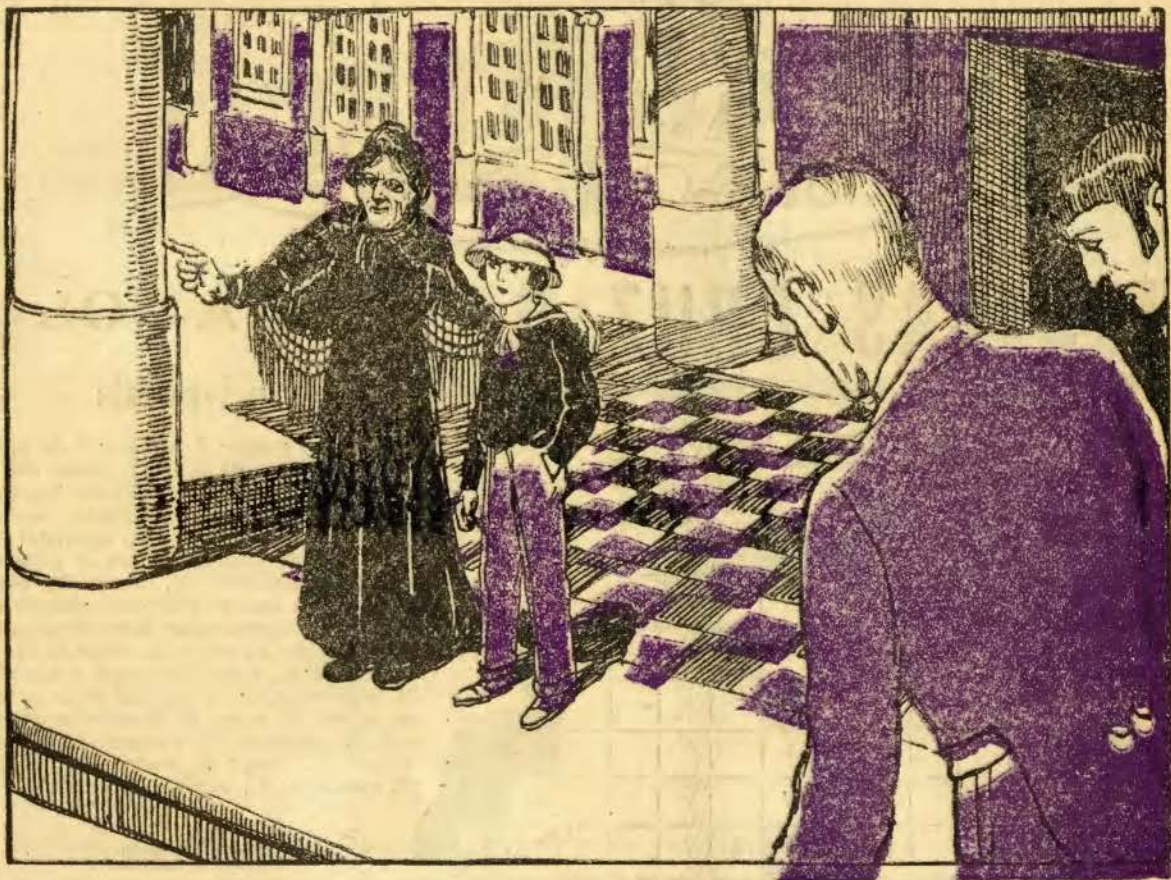
Levantou-se, porque a fadiga e a fome tinham desaparecido como por encanto, e, dando a mão à linda fada, sentiu que se elevava nos ares, a grande altura.

As árvores da floresta eram já tão pequeninas que mal se distinguiam do solo; tinham já passado por nuvens e êle continuava subindo, subindo muito, na companhia da boa fada.

Ia muito alto, muito alto e o «Zé Pequeno» pensava que a fadazinha o transportava ao céu, quando começou a avistar ao longe um lindo palácio, que scintilava batido pelos raios solares.

Chegaram, enfim, à porta do palácio, cujas pare-





des eram ornamentadas com as mais lindas pedras preciosas de várias côres.

«Zé Pequeno» olhava atônito para tanta riqueza, pensando que uma daquelas pedras, a mais pequenina, seria o suficiente para se sustentar a si e a sua avó velhinha, sem apelar à caridade alheia.

A linda fadazinha pronunciou duas ou três frases que o «Zé Pequeno» não ouviu, maravilhado por tanta riqueza.

A porta abriu-se, aparecendo um enorme leão, tendo na bôca uma pequenina chave de ouro que a fadazinha tirou para abrir uma segunda porta, cravejada de esmeraldas. A fada arrastou o «Zé Pequeno» para uma linda sala muito ampla, iluminada por fôcos de luz com as côres do arco-íris que faziam brilhar duma forma deslumbrante as paredes de ouro enfeitadas de rubís, safiras e esmeraldas.

Lindas colunas de ouro e platina seguravam enormes vasos, dos quais pendiam flôres de enormes brilhantes e topázios.

Sentadas em luxuosas cadeiras, muitas meninas lindas, envolvidas por vestidos tão brilhantes como a luz, trazendo os braços e os pescoços enfeitados com traceletes, pulseiras e colares duma extraordinária riqueza, tiravam dum prato de ouro que cada uma tinha a seu lado, lindas pérolas rosadas que enfiavam, uma por uma.

À entrada do «Zé Pequeno» e da fada, levantaram-se, tornando a assentarem-se novamente, para começarem o primitivo trabalho.

A fadazinha apontando, então, para tudo que o rodeava, disse:

Escolhe entre tôda esta riqueza o que tu quizeres: sê rico, muito rico, para que possas distribuir pelos pobres a tua fortuna.

Eis o prémio que eu dou aos meninos que teem bom coração.

Dizendo isto, meteu num sapatinho, de malha d'ouro, todas as jóias preciosas que o «Zé pequeno» tinha escolhido e, saindo do palácio, veio poisá-lo no mesmo sitio, ao pé da mesma árvore, onde pouco antes chorava a sua desdita.

Muito contente, saltitando d'alegria, «Zé Pequeno» dirigiu-se para a sua aldeia.

Já não tinha frio, nem fome, nem tropeçava nos pedregulhos do caminho. Galgou-o em poucos minutos e foi abraçado á avó velhinha que lhe contou o sucedido.

«Zé pequeno» vive agora num palácio muito lindo, rodeado de criados que o servem e se curvam á sua passagem.

Tem professores que lhe ministram o ensino, tornando-o num menino educado.

Sua avózinha curou-se da enfermidade que a torturava, porque não lhe faltava o dinheiro para pagar aos melhores médicos e era sorrindo de contentamento que via o seu querido nêto, vestindo os melhores fatos e montando num lindo cavalo com o qual costumava dar o seu passeio quási diario á floresta onde tinha encontrado a felicidade.

(Continua na página seguinte)



# A coragem do Toneca

(Continuação da página 3)

— Ouve cá, rapaz; tu gostas muito da tua ama?  
— Eu, . . . assim, assim, mas se tivesse coisa melhor . . .

— Queres ir comigo, depois?

— Vocemecê tem criados? Vou; vamos lá, então, para dizer à Senhora . . .

— Cala-te parvo, não digas nada; agora trata-se desta menina.

— Ah! (disse António,) é verdade, dêsse môno que não diz uma nem duas.

Estavam à porta. António abriu a porta do oratório e mandou-os entrar. Fechou a porta à chave sem fazer ruído e foi ter com o pai que o abraçou.

— Agora, papá, uma corda; espere . . . a da roupa! Aqui está . . . amarramos o homem e levámo-lo a Coimbra.

— Não é preciso, meu filho. A glória é tua; vai e demora o negócio, que eu já vou.

— Que vai, fazer?

— Agora é a minha vez, mas sempre te digo; enquanto tu foste lá buscar êsse maroto, eu fui a Coimbra onde dei ordem para estarem aqui, à disposição, 10 polícias . . .

— Mas . . . papá, êles não estão!

— Parece-te. Vai.

António entrou; o pai saiu; foi direito ao ar-

busto e disse: — podem vir. Dois à janela, dois à porta e o resto lá dentro.

Quando António entrou, dizia o homem mau: — vamos, tenho que ir; ai tem a sua filha, passe para cá o medalhão.

— Ó Sr.<sup>a</sup> Viscondessa, perdôe-me; implorou Toneca, vendo que sua mãe se dirigia à Virgem, mas o medalhão não está aí! Eu gostava tanto dessa caixinha que lha roubei. No entanto, estou repeso e vou buscar-lha. A mãe compreendendo, fingiu-se zangada e ordenou-lhe que o fosse buscar.

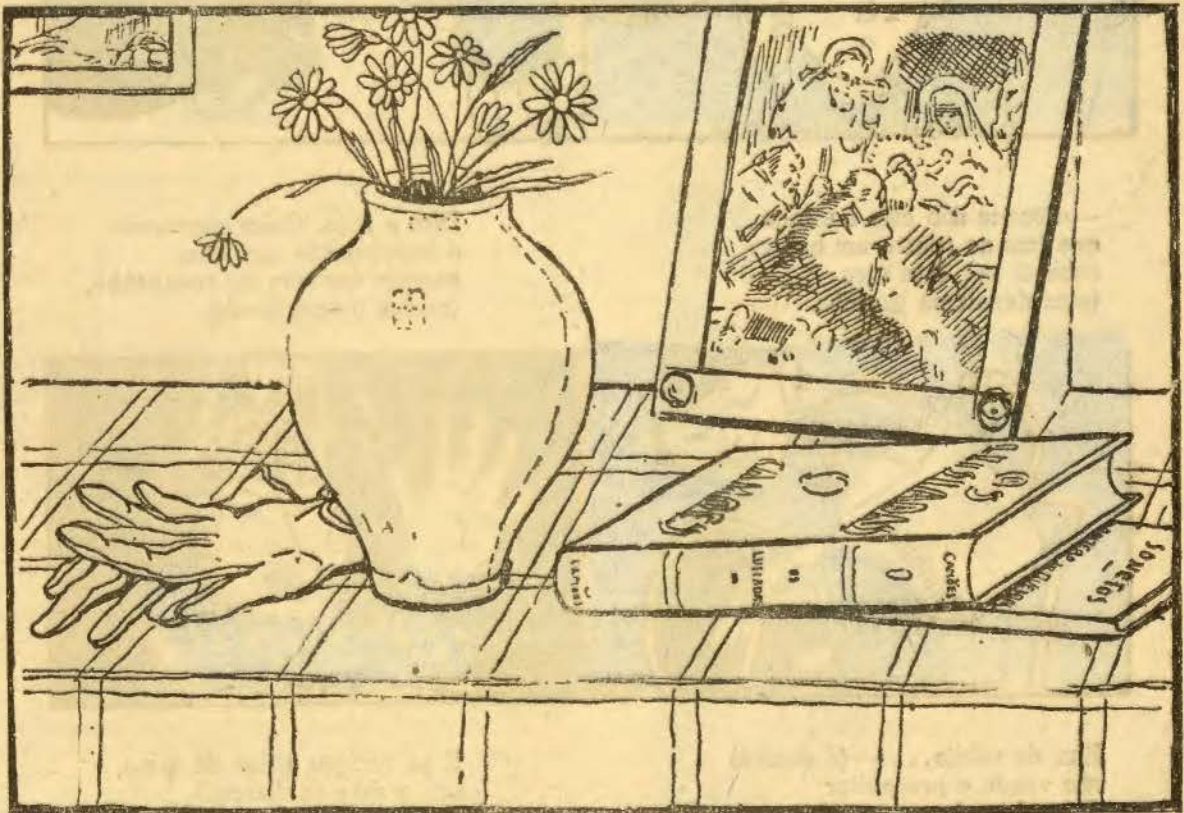
— Queira desculpar, dizia ela, eu tinha-a aqui.

Toneca veio cá fora, pôs dois polícias à porta do oratório e entrou com o pai e os restantes polícias.

Num momento, o salteador era amarrado. Descobertos os outros, foram todos condenados. Toneca foi para o Castelo com o papá, a mamã e a mana. Mais tarde, Toneca casou com uma prima; mandou fazer um palacete ao lado da casinha de campo, onde foi morar. A casinha foi transformada em capela e lá se venera a Virgem a quem Toneca, em cumprimento da sua promessa, ofereceu o medalhão.

F I M

PARA OS MENINOS COLORIREM



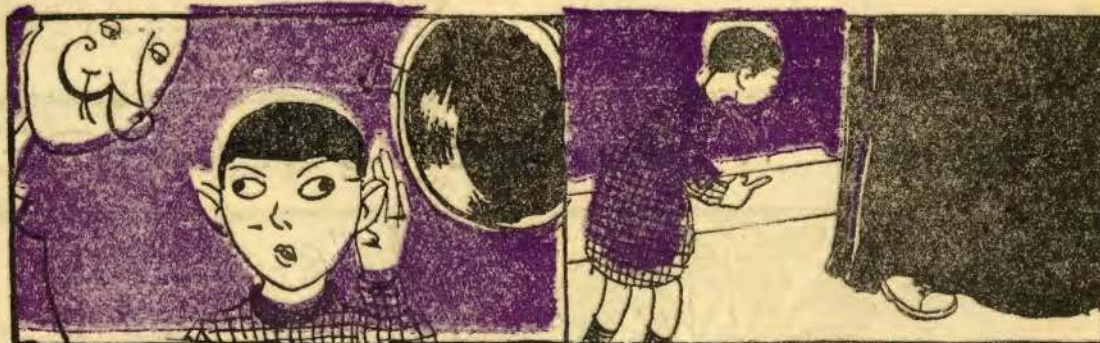
# Gramofone improvisado

■ Por PAPIM E PAPUSSE ■



O pai de Quim, Zé Talone, muito falho de massinha, sabendo que o filho tinha o ideal de um gramofone,

resolveu mandar fazer um de madeira, a fingir, comprou um armonio, e a rir, disse em segredo à mulher:



—«Pões-te sôb esta mesinha que tem ao centro um buraco, coberta por êste saco, tocas depois na gaitinha.

Dito e feito. Quim escutando o improvisado aparelho, perante um som tão rouquenho, começa desconfiando.



Mas, de súbito... — (ó diacho) não vendo o progenitor, Quim despeja um regador pela campânula abaixo!

E ao vêr, por baixo da mesa, saír a mãe encharcada, ri-se o Quim à gargalhada por sua grande esperteza!